

Estudo de Caso de Interseccionalidade 1 - Grupos de Milícias

Y é uma mulher negra DDH que vive em uma favela no Rio de Janeiro, Brasil, uma região de disputas territoriais entre milícias e traficantes de drogas, com altos índices de violência. Ambos os grupos estão envolvidos em atividades ilegais como o tráfico de drogas e o jogo e também controlam a política e os serviços públicos no território.

Y é uma líder comunitária que trabalha em uma organização local que apóia pessoas marginalizadas através de atividades como a distribuição de cestas básicas, educação popular e assistência médica para crianças. Nesta organização também há mulheres que têm parentes em grupos de milícias.

Desde as eleições municipais, ela tem enfrentado ameaças por se recusar a apoiar o candidato da milícia. Desde então, sua rede social tem sido monitorada.

No dia internacional da mulher, ela publicou na mídia social uma campanha sobre violência doméstica. O posto se referia a uma campanha do governo incentivando a denúncia de casos de violência contra as mulheres.

Uma hora depois, um homem apareceu na frente de sua casa e ameaçou matá-la "Você não sabe que vive em uma favela, tia? Aqui é assim" (apontando para a arma e sua parede). Seu irmão chegou à casa dela 15 minutos depois, dizendo que recebeu uma mensagem de que ela era alvo de morte. Ela apagou a postagem e deixou sua casa.

No bairro onde ela morava, somente os policiais usam equipamentos de segurança e vigilância em frente de suas casas, como câmeras e cercas feitas sob medida.

Y usa a mídia social para promover seu trabalho em prol dos direitos humanos.

Ela é a responsável legal da organização local. E ela é bem reconhecida por seu trabalho como DDH nas redes de organizações feministas negras.

Perguntas:

- * quais são os aspectos-chave da interseccionalidade da mulher DDH representada?
- * que vulnerabilidades e capacidades Y tem como resultado de sua identidade?
- * que medidas de proteção você acha que ela deve considerar?

Estudo de caso de interseccionalidade 2 - Acampamento de Refugiados

X é uma mulher DDH que nasceu no Egito e se casou com um homem do Iraque. Devido ao agravamento das condições, incluindo a detenção de ativistas de oposição como X no Egito, ela e seu marido partiram para a Europa para pedir asilo.

No campo de refugiados em que chegaram à Europa, a educação e experiência profissional de X e sua fluência em inglês se somaram à ajuda prática que ela deu às mulheres do campo, ajudando-a a conseguir um emprego como auxiliar na Casa de Acolhida para as mulheres que vivem no campo.

Ao chegar ao abrigo, as mulheres sobreviventes são convidadas a concordar em nunca revelar seu paradeiro.

Apesar de a Casa de Acolhida estar fisicamente bem protegida, tem havido ameaças gerais por parentes conservadores masculinos contra qualquer um que ajude as mulheres a obterem proteção lá. X foi seguida, e recebeu chamadas anônimas em seu telefone.

O telefone de X tem contatos e informações de outros refugiados em busca de asilo no país e em outros países, e também contatos com a Casa de Acolhida e mulheres que sofrem violência no campo.

A decisão sobre o pedido de asilo de X e seu marido ainda está pendente. X tem filhos pequenos, e equilibra o cuidado infantil com seu trabalho. Às vezes, sua situação parece esmagadora.

Ela ouviu recentemente um rumor no acampamento de que um homem influente que procurava asilo tinha sido ouvido dizendo que ela poderia ser sequestrada se continuasse a fazer o que estava fazendo.

Perguntas:

- * Quais são os aspectos chave da interseccionalidade da DDH em questão?
- * que vulnerabilidades e capacidades X tem como resultado de sua identidade?
- * que medidas de proteção você acha que ela deveria considerar?

Interseccionalidade Estudo de Caso 3: Discriminação dentro da comunidade de direitos humanos

B é uma mulher trans de cor que trabalha pelos direitos das comunidades indígenas na Colômbia. Seu trabalho envolve a promoção e proteção dos direitos indígenas e camponeses, inclusive através da desmilitarização rural e negociação de paz entre comunidades e grupos paramilitares.

B visitou a Irlanda no programa de descanso e respiro da Front Line Defenders, durante o qual ela foi apresentada aos movimentos de direitos humanos na Irlanda. Duas semanas após sua chegada, ela participou de um seminário ministrado por um proeminente defensor dos direitos LGBTQIA+ branco irlandês e defensor dos direitos das pessoas com HIV/AIDS, chamado R.

Durante o seminário, R falou sobre os rápidos avanços que a Irlanda havia feito no campo dos direitos LGBTQIA+, desde sua legalização em 1992 até a igualdade matrimonial em 2015. Ele falou muito sobre o trabalho dos defensores dos direitos dos gays que tornaram possível esta rápida transição e destacou como as pessoas LGBTQIA+ agora desfrutam de quase todos os direitos quando comparadas com outras na sociedade.

B perguntou ao R sobre as tarefas restantes para a sociedade irlandesa no campo dos direitos LGBTQIA+, particularmente como abordar os direitos trans e os direitos das pessoas de cor. Em resposta, ele afirmou que a maior parte do trabalho foi feita, a Irlanda era um país multicultural e praticamente ninguém tinha problemas com as pessoas LGBTQIA+, portanto, havia muito pouco mais que se pudesse abordar. Embora ele tenha mencionado a alta taxa de infecção pelo HIV na Irlanda.

Após o seminário, R deu uma excursão queer a Dublin, ele apontou os vários lugares de importância histórica predominantemente com relação aos homossexuais irlandeses. B, que ficou perturbada com a falta de visibilidade para mulheres queer, pessoas trans e pessoas queer de cor na cidade, falou sobre suas observações e experiências pessoais e perguntou a R por que estas questões pareciam ausentes tanto das narrativas passadas quanto das atuais. R entrou em defensiva. Ele alegou que essas questões eram historicamente menos relevantes e não precisavam ser examinadas separadamente.

B ficou insatisfeito com a atitude de R e deixou a excursão a pé. Ela não se sentia à vontade para se envolver com mais nenhuma organização guarda-chuva LGBTQIA+.

Perguntas:

1. Quais são os aspectos da interseccionalidade de B aqui?
2. Quais são os aspectos da interseccionalidade de R aqui?
3. B ou R enfrentam riscos nesta história? Como?
4. B ou R exibem alguma capacidade? Você pode pensar em maneiras de melhorar suas capacidades?
5. O que esta história nos diz sobre a importância da interseccionalidade dentro da comunidade de direitos humanos?